



CONFLUÊNCIA ENTRE OS PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA UBUNTU E OS PRINCÍPIOS DO BEM-VIVER

Confluence between the principles of Ubuntu philosophy and the principles of good living

Confluencia entre los principios de la filosofía Ubuntu y los principios del buen vivir

RESUMO

Este artigo é um recorte da Dissertação intitulada “Confluência entre Quilombo do Matão e Povo Kaxarari: rios de ancestralidade e modos de vida”. Neste artigo expomos a base teórica sobre a filosofia Ubuntu e a cosmovisão indígena do Bem Viver. A Filosofia Africana expressa pelo Ubuntu e o Bem-Viver cujos fundamentos estão na reciprocidade entre as pessoas, na existência da comunidade, da convivência com outros seres e em seu profundo respeito pela terra. Podemos nos adiantar em afirmar que foi a África que ensinou o resto do mundo a fazer filosofia, pois embora a palavra etimologicamente seja grega seu conteúdo e forma nasce da experiência humana, do chão da vida em vista de compreender por tentativas o inexplicável que foi vivenciado pelos filósofos africanos, berço da humanidade. Já o Bem Viver indígena abrange muitas dimensões e significados, pois expressa, ao mesmo tempo, memória e reciprocidade. Por um lado, memória com uma ancestralidade do povo cujo saber continua vivo nas tradições e numa ética de vida que ordena a comunidade; por outro, reciprocidade com a Natureza como microrganismo do organismo Terra. Os autores basilares em nossa exposição será Castiano (2010), Yves Goduka (2000) pela Filosofia Ubuntu e Ailton Krenak (2020c) e Salazar (2016) pela cosmovisão do Bem Viver. Desse modo, a filosofia Ubuntu, na experiência do povo bantu, e a filosofia do Bem viver, na cosmovisão dos povos indígenas que habitam a Abya Yala, reconhece a relação entre todos os elementos que compõem um organismo que possibilita a vida e em certa medida seus princípios confluem nos modos de viver e ancestralidade.

Palavras-chave: princípio; ubuntu; bem-viver.

* Mestranda (PPGG/UNIR), graduada em Licenciatura em Geografia (UEPB), membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Modos de Vidas e Culturas Amazônicas (UNIR),

** Professor do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-graduação em Geografia da UNIR. Mestre e doutor pela USP. Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Modos de Vidas e Culturas Amazônicas (UNIR).

ABSTRACT

This article is an excerpt from the Dissertation entitled Confluence between Quilombo do Matão and Kaxarari People: rivers of ancestry and ways of life. In this article we expose the theoretical basis of the Ubuntu philosophy and the indigenous worldview of Good Living. The African Philosophy expressed by Ubuntu and Good Living whose foundations are in reciprocity between people, in the existence of the community, in coexistence with other beings and in its deep respect for the earth. We can go ahead and say that it was Africa that taught the rest of the world to do philosophy, because although the word is etymologically Greek, its content and form are born from human experience, from the ground of life in order to understand through attempts the inexplicable that was experienced. by African philosophers, cradle of humanity. Indigenous Good Living encompasses many dimensions and meanings, as it expresses, at the same time, memory and reciprocity. On the one hand, memory with an ancestry of the people whose knowledge continues to live in traditions and in an ethics of life that orders the community; on the other, reciprocity with Nature as a microorganism of the Earth organism. The main authors in our exhibition will be Castiano (2010), Yves Goduka (2000) for the Ubuntu Philosophy and Ailton Krenak (2020c) and Salazar (2016) for the Good Living worldview. In this way, the Ubuntu philosophy, in the experience of the Bantu people, and the philosophy of Good Living, in the worldview of the indigenous peoples who inhabit Abya Yala, recognize the relationship between all the elements that make up an organism that makes life possible and, to a certain extent, its principles converge in ways of living and ancestry.

Keywords: principle; ubuntu; good living.

RESUMEN

Este artículo es un extracto de la Disertación titulada Confluencia entre el pueblo Quilombo do Matão y Kaxarari: ríos de ascendencia y formas de vida. En este artículo exponemos las bases teóricas de la filosofía Ubuntu y la cosmovisión indígena del Buen Vivir. La Filosofía Africana expresada por Ubuntu y el Buen Vivir cuyos fundamentos están en la reciprocidad entre las personas, en la existencia de la comunidad, en la convivencia con los demás seres y en su profundo respeto por la tierra. Podemos seguir adelante y decir que fue África la que enseñó al resto del mundo a hacer filosofía, porque si bien la palabra es etimológicamente griega, su contenido y forma nacen de la experiencia humana, del fundamento de la vida para comprender a través del intento. lo inexplicable que vivieron los filósofos africanos, cuna de la humanidad. El Buen Vivir Indígena abarca muchas dimensiones y significados, pues expresa, al mismo tiempo, memoria y reciprocidad. Por un lado, memoria con ascendencia del pueblo cuyos saberes siguen viviendo en tradiciones y en una ética de vida que ordena la comunidad; por el otro, la reciprocidad con la Naturaleza como microorganismo del organismo terrestre. Los autores principales de nuestra exposición serán Castiano (2010), Yves Goduka (2000) por la Filosofía Ubuntu y Ailton Krenak (2020c) y Salazar (2016) por la cosmovisión del Buen Vivir. De esta manera, la filosofía Ubuntu, en la experiencia del pueblo bantú, y la filosofía del Buen Vivir, en la cosmovisión de los pueblos indígenas que habitan Abya Yala, reconocen la relación entre todos los elementos que conforman un organismo que hace vida. posible y, en cierta medida, sus principios convergen en modos de vida y ascendencia.

Palabras-clave: principio; ubuntu; buen Vivir.

INTRODUÇÃO

Inicialmente, é importante afirmar que não temos uma homogeneidade de pensamento em um continente de cultura tão fértil e, que sendo berço da humanidade, não poderia se resumir a uma única escola filosófica que abarcasse diferentes milênios, culturas, idiomas, países que formaram o ser africano. Segundo Tamosauskas (2020), temos ao menos 8 períodos da história do pensamento filosófico africano: Filosofia Kemética, Escola de Alexandria, Patrística, Civilização Yorubá, Reino do Congo, Cultura Akan, Período Colonial, e a Escola Francófona e Escola Anglófona e as que atualmente tem surgido porque o filosofar tem dinamicidade.

Como se pode ver pelos diversos períodos do pensamento filosófico o discurso falacioso de que a África não pensa e que somente os seres humanos do Ocidente eram, por natureza, os únicos dotados de razão, sendo assim a única e autêntica personificação da afirmação aristotélica “o homem é um animal racional”, cai por terra e demonstra toda a força de um preconceito que não apenas atingiu os africanos, mas também aos ameríndios, às mulheres entre outros grupos no decorrer da história para justificar as necessidades de satisfação do colonizador frente às suas demandas práticas. Podemos nos adiantar em afirmar que foi a África que ensinou o resto do mundo a fazer filosofia, pois sendo a palavra etimologicamente grega seu conteúdo e forma nasce da experiência humana, do chão da vida em vista de compreender por tentativas o inexplicável, alguma nuance com sabedoria, como afirma Ramose (2006, p. 3): “De acordo com este raciocínio, a Filosofia Africana nasceu em tempos imemoriais e continua florescendo em nossos dias”.

O Bem Viver abrange muitas dimensões e significados, pois expressa, ao mesmo tempo, memória e reciprocidade. Por um lado, memória com uma ancestralidade do povo cujo saber continua vivo nas tradições e numa ética de vida que ordena a comunidade; por outro, reciprocidade com a Natureza como microrganismo do organismo Terra. Esses elementos da ancestralidade e reciprocidade do Bem viver não diferem e nem conflitam com o Ubuntu. Essas dimensões e significados estão na base da visão das partes no Todo, da multipolaridade, da busca do equilíbrio, na complementaridade da diversidade. Nessas perspectivas indígena e africana, o que somos e de onde viemos não se centraliza no sujeito, como propõem algumas filosofias europeias, mas remete para um todo, seja da comunidade, seja da Mãe Terra. Os humanos não estão separados da Natureza ou exercem sobre ela uma superioridade, ou controle, mas reciprocidade porque todos estão interligados.

Nosso artigo fará um recorte em torno da Filosofia Africana que passa pelo período do Reino do Congo com o Ubuntu e do bem-viver cujos fundamentos estão na reciprocidade entre as pessoas, na existência da comunidade, da convivência com outros seres e em seu profundo

respeito pela terra. O bem-viver se apresenta como uma proposta paradigmática do mundo indígena, no contexto da resistência à colonização epistemológica e a busca de alternativas à globalização neoliberal, pois os povos indígenas têm experiências que podem orientar nossas futuras escolhas e assegurar a existência humana na Terra.

FILOSOFIA AFRICANA: UBUNTU

A filosofia Ubuntu não possui um manual, um conjunto de textos sistemáticos que possam se considerar como fundadores para seu estudo. Isto é, de partida, um dado importante, pois o Ubuntu, antes de ser uma escrita sobre algo, é uma vivência, antes de ser uma analítica filosófica, é um filosofar na vivência. Esse movimento de compreensão filosófica é realizado pelo Umuntu¹ cuja entidade específica estende-se a conduzir uma investigação sobre a experiência, conhecimento e verdade. Segundo Ramose (1999), o Umuntu em sua atividade expressiva busca revelar a condição do Ubuntu pelo modo como este se relaciona com as demais forças vitais, isto é, o comportamento humano é baseado em relações.

Para compreender como se estabelecem essas relações no Ubuntu, a filósofa, curandeira, visionária e intelectual indígena de origem bantu Xhosa, como ela mesmo se declara, Ivy Goduka apresenta os princípios do Ubuntu. Segundo Goduka (2000), os princípios da filosofia Ubuntu não devem ser entendidos como prescrições, normas, mas como elementos filosóficos comuns que podem ser encontrados na sabedoria espiritual e das concepções de mundo que as culturas africanas partilham na sua compreensão da vida, da terra, da língua, dos recursos naturais. A filósofa africana salienta que os princípios são vividos em comunidades que se tornam comunidades epistêmicas para seus indivíduos porque lhes dão o conhecimento em coletividade. Seguem os princípios apresentados por Goduka:

Princípio da responsabilidade pela interioridade: diz respeito ao caminho individual de autopurificação; se aprende a viver a vida interna de forma saudável, pacífica e apaixonada, reconhecendo suas limitações para superá-las e suas qualidades para contribuir com a vida social.

Princípio da responsabilidade coletiva em cuidar da mãe terra: se compreende que a Natureza é resultado da criação do Grande Espírito e nossos antepassados nos legaram a Natureza e, como dever, temos que deixar para os próximos que virão a mãe que sustenta. Afirmar Goduka

¹ Umuntu como uma derivação Ubuntu diz respeito ao ser da inteligência, a pessoa no singular. O Umuntu é o ser humano enquanto político, religioso e entidade moral que pela sua experiência e sua sabedoria alcança a verdade.

(2000, p. 161): “Nós não podemos nos separar da terra, das plantas, das árvores, dos minerais, das pedras e outras coisas que são parte da nossa Natureza”.

Princípio da inter-relação, interdependência entre os homens e as criaturas vivas e não-vivas: é o princípio que ensina que nada está isolado; tudo está relacionado com todos os seres vivos e não vivos. Segundo este princípio Ubuntu, a noção de família é alargada em linhagem horizontal (grupo étnico) e linhagem vertical (os antepassados mortos, os vivos e os que estão para nascer).

Princípio das identidades individuais e familiares não estão separadas do contexto sociocultural e espiritual: neste princípio, o indivíduo e a comunidade estão estreitamente relacionados cultural, social e espiritualmente. Desse modo, por meio das crenças, dos rituais, dos padrões comuns de comportamento, se exprime a inter-relação entre o sujeito e a coletividade.

Princípio da Natureza, das criaturas vivas e não-vivas como fundamento da realidade: há a crença de que há uma força espiritual no seio da existência de todas as coisas; há uma manifestação da espiritualidade que se torna fundante na realidade. Segundo os povos bantus, não há um desenvolvimento de condição social sem o princípio de espiritualidade e esses princípios não são princípios religiosos, eles estão fundamentados no respeito ao que se refere a ancestralidade. Nesse sentido, a ancestralidade é o ponto central da perspectiva Ubuntu, a linhagem está ligada à nossa ancestralidade.

Para os bantus, o ancestral é um membro da linhagem que realizou através da morte a travessia para outro plano existencial, ou seja, a morte não é vista como um mal ou um coisa ruim, pois esse membro continua influenciando na comunidade presente na memória coletiva. Quando não conhecemos a história dos nossos ancestrais, quando não temos acesso às suas diversas formas de pensar, nos tornamos frágeis para o processo de alienação. Ney Lopes afirma que: “O morto representa uma realidade física e espiritual, presente tanto no passado quanto no presente, entre os vivos no processo de moldagem da direção de nossa realidade física e espiritual e de nossa presença no futuro” (Lopes, 2021, p. 36). Sendo assim, essa corrente de energia que se manifesta em todo o universo possibilita contemplar os

elementos da vida que se expressa de várias formas. Segundo Lopes (2021), para o africano, o valor supremo da existência é a energia que percorre a rede única que conecta todos os seres do Universo.

A filosofia Ubuntu, por seus princípios apresentados, remete a valores fundamentais para o humanismo, carinho, altruísmo, respeito, coletividade, ancestralidade. Esses valores na cosmovisão filosófica do ubuntuísmo colocam princípios básicos de como uma pessoa pode bem

viver com suas escolhas, atitudes e objetivos de modo a contribuir com a comunidade. Afirma Castiano (2010, p. 168):

Na essência o ubuntuísmo constitui ambas as coisas, uma descrição factual do estar-com-outros e um código de conduta que procura articular o respeito e a compaixão para com o outro. A filosofia moral ubuntu, sublinham ainda, é funcional para as pessoas vivendo em comunidades precisamente por causa do seu poder em criar a cooperação e unidade entre as pessoas.

Diante do exposto, a Filosofia Ubuntu também chegou ao Brasil por meio do movimento diaspórico dos escravizados e se territorializou em novas terras. Sobre isso, Malomalo (2014) aponta que nossa herança Ubuntu resiste na força da ancestralidade, apesar de toda tentativa de violência colonial de esmagar essa filosofia por diferentes modos: como catequização, castigos físicos, preconceitos, racismo. Segundo Malomalo (2014), essa força ancestral se repete ainda hoje e se territorializou no Brasil, na imagem do quilombo. Segundo Malomalo, falar de Ubuntu no Brasil é falar de solidariedade e resistência vivido em comunidade, como dito por Goduka (2000) na apresentação dos princípios do Ubuntu. A comunidade é uma base na qual as pessoas vão compartilhar seus dons, conhecer a sabedoria na relação de vivência com a natureza e também aprender e receber as dádivas dos outros que pertencem à comunidade. É na comunidade que as pessoas se reúnem para realizar um objetivo específico, ajudar um ao outro a realizar seu propósito de cuidar uma das outras.

Em certos discursos elaborados, o quilombo seria sinônimo de lugar de escravo fugido. Para Abdias Nascimento (2019), quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão, existência, bem viver. É dessa forma que na comunidade quilombola que se exprime o Ubuntu, quando afirmam que o seu “outro” são os orixás, os ancestrais, a família, a aldeia, a roça, os rios, as florestas, as rochas, os não-vivos. Em outras palavras, o Ubuntu, enquanto uma epistemologia, coloca em xeque o lugar do conhecimento em relação ao saber em termos metodológicos. A centralidade do homem em relação à natureza é deslocada da configuração: cultura/natureza; sujeito/objeto. O Ubuntu se coloca como uma forte crítica ao antropoceno, que reproduz o narcisismo do homem europeu como condição de mudar, transformar e dominar a natureza. Nesse sentido, a filosofia Ubuntu compreende que não existe uma natureza sozinha sem o homem, pois a natureza é junto com o homem.

Portanto, apropriando-se dos autores citados, queremos pensar e descrever como se expressa a filosofia do Ubuntu no quilombo. Como os princípios, a ancestralidade, a noção de comunidade se presentifica nos descendentes dos bantus no lugar em que vivem. Para que, como

diz Nego Bispo, numa circularidade sem que haja fim ou quebra de um ponto temporal a outro, pois sendo circular é movimento de continuidade (Bispo dos Santos, 2015).

BEM-VIVER

O bem-viver é uma filosofia cujos fundamentos estão na reciprocidade entre as pessoas, na existência da comunidade, da convivência com outros seres e em seu profundo respeito pela terra. O bem-viver se apresenta como uma proposta paradigmática do mundo indígena, no contexto da resistência à colonização epistemológica e a busca de alternativas à globalização neoliberal, pois os povos indígenas têm experiências que podem orientar nossas futuras escolhas e assegurar a existência humana na Terra.

Na medida que vamos nos deslocando dessa compreensão de que os humanos fazem parte do cosmos, também se assumem certos sentidos em relação ao modo como vivemos. Alguns, desses modos, se tem em conta serem uma forma de bem viver por promover satisfações de necessidades que vão sendo criadas em vista de viverem a vida verdadeiramente humana, ainda que, não se considere “O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida” (Krenak, 2020c, p. 26).

Sobre esse tipo de bem viver, Yi-fu Tuan procurou analisar em seu livro *The good life* (1986), ao tratar como o Ocidente compreende certos padrões e costumes e passam a ser aceitos amplamente pelas pessoas em todos os lugares como bem viver. Segundo Tuan, as pessoas pouco se interessam a se perguntar sobre a natureza do bem viver; e, quando o fazem partem do princípio de uma existência confortável e descontentes desejam algo melhor ou diferente, pois “In the Western word the good life is envisaged, historically, in a limited number of ways” (Tuan, 1986, p. 4).²

Uma dessas formas de bem viver, segundo Tuan (1986), é quando a Natureza é tratada como ambientalismo, ou seja, a natureza é tomada como cenário artificial no sentido de gerar uma sensação de bem viver por meio de projetos arquitetônicos como a praça, a rua, a casa com seus interiores, as fachadas dos prédios. Já para outros, o bem viver é baseado na agricultura e naquilo que o agricultor faz em oposição às sociedades comerciais e tecnológicas; é a vida campesina com sua labuta diária que oferece o modelo para um bem viver ideal. Para outros, o bem viver é

²“No mundo ocidental, o bem viver é imaginado, historicamente, em limitadas formas” (Tuan, 1986, p. 4; tradução livre).

encarado/imaginado como uma questão filosófica na tentativa de entender a natureza humana e sua relação com o bem viver e uma vida virtuosa, como fizeram diversos pensadores na história.

Na aventura da escrita sobre o bem viver, como Tuan define esse trabalho na busca de compreensão dessa temática, ele diz que o bem viver não pode ser confinado a experiência limitadora do indivíduo, pois suas experiências não são isoladas de um contexto que lhe possibilitou experimentar o bem viver; nem se pode tomar o bem viver como escolha e hábito de reflexão, “Modern society, ideally, encourages both” (Tuan, 1986, p. 11).³

Dentre os diversos modelos culturais em que se pode viver, o bem viver destaca-se a cidade como lugar em que se pode alcançar uma boa vida. Seja no Oriente Médio, na China, passando pela Europa e América, há uma série de testemunhos que colocam a cidade, esse microcosmo da convivência humana, como o lugar que oferece uma vida boa aos seus habitantes.

The city is a material environment that protects inhabitants from rain, cold, and wind. It does more: like a wellrun house it provides comfort and delight in its shops, plazas and fountains, tree-lined streets and parks. Beyond even these amenities the great city offers excitement and glamor, the root meaning of which is magic (Tuan, 1986, p. 71).⁴

Essa magia que a cidade parece espalhar com sua qualidade de vida, seus entretenimentos, sensação de segurança, sofisticação, cultura elevada, convivência equilibrada entre seus cidadãos, sensação de liberdade, de consciência moral, de civilidade vendem magicamente um bem viver que se afasta das mudanças que com sua natureza em sua instabilidade amedronta o humano quando fora de um lugar que lhe dê estabilidade e continuidade (Tuan, 1986, p. 84).

No entanto, apesar de a cidade ser considerada esse microcosmo que passa a sensação de um lugar apropriado para bem viver, Tuan se opõe a essa perspectiva cultural cuja concepção pode ser limitadora por desconsiderar outras experiências que podem contribuir com o bem viver. Uma dessas experiências é a comunidade que assume certas preconcepções ao ser tratada como um ideal social, um elemento idealista irredutível, mas será mesmo? pergunta Tuan. Segundo Tuan, a comunidade é limitada por membros em uma área geográfica, que repousa na existência de tarefas comuns, laços de pertencimento cuja imagem pode ser vista em uma aldeia (Tuan, 1986, p. 107). A comunidade é, segundo o autor, um lugar fértil para se viver a amizade que escapa às associações humanas que, agitadas por ambições, veem esse tipo de experiência como idealistas e impraticáveis socialmente. A desconsideração pelo modelo de comunidade se dá inicialmente pela construção do

³ A sociedade moderna, idealmente, encoraja ambos (Tuan, 1986, p. 11, tradução livre).

⁴ A cidade é um ambiente material que protege seus habitantes da chuva, do frio e do vento. Faz mais: como uma casa burguesa bem gerida, proporciona conforto e deleite em suas lojas, praças e fontes, ruas arborizadas e parques. Além dessas amenidades, a grande cidade oferece excitação e glamour, cujo significado básico é magia (Tuan, 1986, p. 71, tradução livre).

discurso de que os povos que têm tais experiências são iletrados ou pré-modernos; depois, ocorre o movimento de que, sendo grupos iletrados ou pré-modernos, são ignorantes e de estreita elaboração de conhecimento. Sobre isso, Tuan discorda porque estas comunidades vivem no centro do cosmos e estão numa relação de enraizamento com ele, ligado por meio de sua localidade.

The universalista proclivity of premodern and nonliterate peoples is also manifest in the all-inclusive character of their world-views. A world-views is, among other things, an idealized conception of community, one whose membership includes the living and the dead, nature and the spirits of nature. Primitive community is, in its own sight, world community (Tuan, 1986, p. 109).⁵

Desse modo, a comunidade abraça os mortos e também os vivos, devemos dar ouvidos às vozes de nossos antepassados. Podemos aprender pelas suas vozes que ecoam e permanecem como artefatos. Por meio dos antepassados, podemos vislumbrar as necessidades e aspirações de nossos predecessores, entristecidos por seus fardos e erros, animados por suas investidas na beleza e na verdade. Conforme o autor, a comunicação que estabelece a comunicação entre os vivos e os mortos é de natureza prática. Como o que acontece entre vizinhos, preocupa-se com a assistência mútua: os mortos dispensam a patronagem em troca dos ritos de sacrifício, que os mantêm no outro mundo (Tuan, 1986, p. 111).

Tuan fala que, embora a cidade tenha dificuldades no entendimento da comunidade, há, no entanto, vivências que remetem a certas experiências de comunidade, como estão as pessoas com quem vivemos e trabalhamos ano após ano: família, parentes e vizinhos. É possível que a partir desses núcleos necessários em que nos movemos seja possível buscar uma concepção ampliada de comunidade e talvez com esta reflexão amplie-se como a comunidade pode ser uma possibilidade para bem viver.

Em que medida a análise de Tuan sobre o bem viver dialoga com a cosmovisão indígena? Será que o entendimento de bem viver proposto por Tuan é na mesma linha de concepção filosófica indígena?

Krenak (2020b) em seu ensaio intitulado Caminhos para uma cultura do Bem viver, afirma que a proposta ocidental não tem a ver com a cosmovisão ameríndia sobre o bem viver, mas a experiência que a Europa conseguiu promover depois da II Guerra Mundial ficou marcada como a Social Democracia, principalmente a partir da Alemanha. Eles chegaram a instituir uma prática

⁵ A tendência universalista de povos pré-modernos e não letrados também se manifesta no caráter inclusivo de suas visões de mundo. Uma visão de mundo é, entre outras coisas, uma concepção idealizada de Comunidade, aquela cujos membros incluem os vivos e os mortos, a natureza e os espíritos da natureza. Comunidade primitiva é, em sua própria visão, comunidade mundial (Tuan, 1986, p. 109, tradução livre).

que era o estado de bem-estar. Esse estado de bem-estar era uma ideia apoiada na economia e na política. Sendo a política como um motor de uma atividade onde a economia ia criar uma distribuição da riqueza a todos, para que as pessoas tivessem acesso igual às coisas boas e essenciais para a vida. E, de vez em quando, nesses países, a ideia do bem-estar fica comprometida. “Isso é só para a gente demarcar a diferença entre o bem-estar e o Sumak Kausay, ou Buen Vivir, essa expressão que vem do castelhano” (Krenak, 2020b, p. 9).

Desse modo, há uma aproximação e distanciamento entre Tuan e a cosmovisão indígena em relação à compreensão sobre o bem viver. Há aproximação quando Tuan remete para a experiência de comunidade e distanciamento quando o bem viver são experiências de manter um equilíbrio entre o que nós podemos obter da vida, da natureza e o que nós podemos devolver. É um equilíbrio, um balanço muito sensível e não é alguma coisa que a gente acessa por uma decisão pessoal em vista da promoção de um bem-estar. Equilíbrio que compreende que humanos são parte da biosfera do planeta.

É muito diferente o fundamento de cada uma dessas perspectivas, de Bem Viver e bem-estar. O bem-estar está apoiado em uma ideia de que a natureza está aqui para nós a consumirmos. Mesmo que a gente faça de maneira consciente e cuidadosa, mas tem um fundamento, uma ontologia, que sugere que nós humanos somos separados dessa entidade, que é a natureza, e que a gente pode incidir sobre ela e tirar pedaços dela. [...] Nós achamos que podemos consumir a Terra. Essa é a ideia do bem-estar. Para o bem-estar humano, a gente pode consumir a Terra. O Buen Vivir, o Sumak Kausay, esse ser humano, subordinado a uma ecologia planetária, nós também, nosso corpo, assim como todos os outros seres, ele está dentro dessa ecologia ou dessa vasta biosfera do Planeta como um elemento de equilíbrio e regulador. Nós não somos alguém que age de fora. Nós somos corpos que estão dentro dessa biosfera do Planeta Terra (Krenak, 2020b, p. 13).

Alberto Acosta (2016, p. 24) afirma que “O Bem Viver é essencialmente um processo proveniente da matriz comunitária de povos que vivem a harmonia com a natureza”. Nesse sentido, os povos originários da Abya Yala, sinônimo do que chamamos de América, fornecem um conjunto de ideias centradas nos sistemas de conhecimento, prática e organização que compõem uma filosofia que permite pensar e uma relação de equilíbrio entre todos os elementos da Natureza.

Para tanto, é preciso remeter-se às suas origens no *sumak kawsay*, em sua versão equatoriana da qual nasceu o termo. Bem Viver traduz as experiências dos povos indígenas equatoriano e boliviano, que em suas vivências se mostram como se pode construir coletivamente uma nova forma de existência que não despreze a relação com a *pachamama*, a *Gaya*, a Terra. Os guaranis usam a expressão *Teko Porã* para se referir ao Bem viver.

Ao reconhecer no Bem Viver uma filosofia indígena que nasce dos povos originários, se faz o movimento de perceber que a Filosofia não se encontra apenas no circuito euro-

estadunidense, como se apenas estes possuíssem as condições de elaborar e sistematizar modos de pensar. Há diversas e diferentes epistemologias que podem contribuir com o repensar de teorias e práticas que têm afastado o humano de sua relação mais própria e originária com a Terra.

Aníbal Quijano (2010), identifica a origem da colonialidade do poder nas discussões sobre se os indígenas teriam alma ou não; numa superioridade que passa a ser justificada em relação aos graus de humanidade atribuídos às identidades raciais e o que lhes cabe na malha de exploração/dominação/conflito articuladas em função e em torno da disputa pelo controle dos meios de existência social. Essa perspectiva difere de Maldonado-Torres (2010) que, ao analisar como a colonialidade se deu nas terras ameríndias, chega à conclusão de que a colonização está no tipo de poder que se utiliza. Esse poder utilizado não está na força, tão somente na força, embora superficialmente possa ter tal impressão. Ao contrário, está no discurso do que se pode considerar racional. Segundo Maldonado-Torres, o discurso de humanidade passa antes pela questão do ser, que só pode ser compreendida pela razão e alcançada pelo método filosófico europeu de pensar. Esse movimento, para o autor, resulta numa geopolítica do conhecimento.

Durante demasiado tempo, a disciplina da filosofia agiu como se o lugar geopolítico e as ideias referentes ao espaço não passassem de características contingentes do raciocínio filosófico. Evitando, o bem, o reducionismo das determinações geográficas, os filósofos têm tido a tendência para considerar o espaço como algo demasiado simplista para ser filosoficamente relevante. [...] Tais questões põem a descoberto as formas como os filósofos e os professores de filosofia tendem a afirmar as suas raízes numa região espiritual invariavelmente descrita em termos geopolíticos: a Europa (Maldonado-Torres, 2010, p. 397).

Por essa colocação de Maldonado-Torres, se compreende a tentativa de apagamento de se pensar e reconhecer uma forma de pensar que não seja dentro daquelas categorias europeias em detrimento de um pensar ameríndio que não se centra no sujeito, no individual, mas na coletividade como um pensar coletivo de um povo. Pudemos verificar esse posicionamento quando tratamos da Filosofia Ubuntu dos povos bantus, desconsiderada por pensada e praticada pelo povo negro, cuja razão e universalidade de pensamento foi silenciada em vista da filosofia hegeliana. Sobre isso, ao analisar a “mestiçagem” do povo brasileiro, Kabengele Munanga (2010) analisa que houve uma tentativa de inibir as manifestações culturais e de pensamento dos povos indígenas e alienígenas que vieram ou foram trazidos pela força. Essa repressão e esforço para que houvesse uma única identidade brasileira resultam em perseguição aos negros e indígenas, discriminação racial, falta de unidade, de solidariedade e de consciência coletiva.

Nesse sentido, o Bem-viver é essa cosmovisão filosófica indígena que resistiu à tentativa de apagamento do colonizador, semelhante ao que aconteceu com o Ubuntu. O Bem Viver não é uma espécie de decálogo ou conjunto de receitas culturais, sociais, ambientais, mas um saber filosófico

que aborda desde a concepção filosófica do tempo e do espaço até uma cosmovisão entre os seres humanos e a natureza.

Os nossos parentes Quechua e Aymara têm, ambos, em suas línguas, com pequena diferença de expressão, uma palavra que é Sumak Kawsay. “O Sumak Kawsay” é uma expressão que nomeia um modo de estar na Terra, um modo de estar no mundo. Esse modo de estar na Terra tem a ver com a cosmovisão constituída pela vida das pessoas e de todos os outros seres que compartilham o ar com a gente, que bebem água com a gente e que pisam nessa terra junto com a gente. Esses seres todos, essa constelação de seres, é que constituem uma cosmovisão (Krenak, 2020c, p. 7).

Do ponto de vista histórico, o sumak kawsay subsistiu na memória histórica das comunidades indígenas da região andina como um sentido de vida, uma ética que ordenava a vida da comunidade. Mas, nos tempos dos Estados originários, não era usado apenas para organizar a comunidade, mas também toda a sociedade, incluindo o estado. Esta última característica, obviamente, não sobreviveu após a destruição dos Estados pré-colombianos com a Conquista e a Colônia. “O sumak kawsay foi resgatado e praticado pelas famílias, o ayllu: a comunidade. Os movimentos indígenas atuais assumiram e reivindicaram esse princípio como uma perspectiva ético-civilizatória” (Simbaña, 2011, p. 2).

Desse modo, Bem Viver abrange muitas dimensões e significados, pois expressa, ao mesmo tempo, memória e reciprocidade. Por um lado, memória com uma ancestralidade do povo cujo saber continua vivo nas tradições e numa ética de vida que ordena a comunidade; por outro, reciprocidade com a Natureza como microrganismo do organismo Terra. Esses elementos da ancestralidade e reciprocidade do Bem viver não diferem e nem conflitam com o Ubuntu. Essas dimensões e significados estão na base da visão das partes no Todo, da multipolaridade, da busca do equilíbrio, na complementaridade da diversidade. Nessas perspectivas indígena e africana, o que somos e de onde viemos não se centraliza no sujeito, como propõem algumas filosofias europeias, mas remete para um todo, seja da comunidade, seja da Mãe Terra. No saber ameríndio, os humanos não estão separados da Natureza ou exercem sobre ela uma superioridade, ou controle, mas reciprocidade porque todos estão interligados.

Outro aspecto que diferencia bem viver da filosofia ocidental é noção de conceito, pois limita a capacidade de compreender a cosmovisão indígena. O conceito consiste na criação de argumentos que produz um conhecimento sistemático válido que busca estudar analiticamente os problemas fundamentais relacionados ao conhecimento, à lógica, à existência, à verdade, aos valores morais e estéticos, à mente e à linguagem. Embora exista no bem viver princípios, que expressam a forma de categorizar, sua visão se baseia na existência de outras formas de ver, ser e existir no mundo, com uma interpretação da vida que remete a dimensões como o emocional ou o

afetivo e o espiritual, que foram excluídos da racionalidade positivista ocidental que os considera ilógicos ou subjetivos. Neste contexto, alguns estudiosos do pensamento andino optam por falar sobre cosmovisão e não da filosofia, para evitar o uso errôneo de conceitos e, acima de tudo, para justificar sua autonomia epistemológica em relação ao ocidente. Sobre essa questão, corrobora Ailton Krenak ao afirmar:

A gente poder fazer parte dessa história que é do cosmos, do universo. É por isso que o povo indígena tem cosmovisão. Para vocês entenderem, quando falam de cosmovisão Yanomami, cosmovisão Guaraní, é exatamente porque essas tradições remontam a uma narrativa de criação de mundo. Então são mundos (Krenak, 2020b, p. 18).

Desse modo, o pensamento indígena tem um profundo conteúdo simbólico, como forma de representação do mundo e do cosmos. Ao contrário da produção de conceitos ocidentais, a sabedoria indígena recorre ao simbólico para representar uma cosmovisão totalizante, como proposta filosófica ancestral. Por exemplo, a narração de mitos e as lendas são essenciais para a organização da vida, a aplicação do direito próprio e justiça, pois contêm a visão de mundo que rege as leis de origem a serem transmitidas oralmente e recriada em rituais e cerimônias.

El énfasis en la experiencia vivencial como fuente del conocimiento andino se expresa en la ritualización de la vida, como forma de relacionamiento con las comunidades humanas, naturales y cósmicas o espirituales. La celebración de la vida es esencial en el modo de ser y de vivir del andino; mientras los símbolos y los relatos son básicos en la socialización y la consolidación de las prácticas personales y colectivas (Salazar, 2016, p. 20).

Salazar (2016), identifica que o pensamento andino, de onde nasce o *sumak kawsay* e de onde vem o bem viver, possui múltiplos princípios filosóficos, entre os quais é possível destacar quatro fundamentos que se aplicam a todos os campos da vida, são expressos de múltiplas maneiras, compreendem diferentes dimensões e relações, do pessoal ao cósmico e exprimem a cosmovisão indígena: (a) princípio da relacionalidade, (b) dualidade complementar, (c) correspondência e (d) reciprocidade.

A) **Princípio da relacionalidade:** É uma visão abrangente do mundo, em que tudo o que existe está interligado, ou seja, em que todos os elementos cósmicos estão relacionados entre si. Esse princípio considera a rede de relações que regem a existência, os vínculos e vínculos vitais entre tudo o que existe; que têm sua expressão em múltiplas dimensões da realidade.

La red de relaciones también se refiere a las que el ser humano tiene con la naturaleza, así los árboles son considerados parientes de los seres humanos, o el agua como esencia de la vida; el cosmos es el padre sol, luna es hermana y todo lo que forma parte del mundo invisible es parte de la vida (incluido el espíritu de los ancestros). Desde esta perspectiva

el ser andino amazónico, considera la amplia red de relaciones que existen en cada situación, de manera que la relacionalidad actúa como un código ético que se expresa en la naturaleza y en la vida comunitaria (Salazar, 2016, p. 21).

B) Princípio da Dualidade Complementar: Este princípio da complementaridade significa que não existe relação absoluta, é apenas relativa, uma vez que cada parte tem sua contraparte como complemento correspondente, essencial para formar uma entidade completa e integral. Por exemplo, o complemento da terra é o céu, de do sol à lua, etc.

Esta dualidad se encuentra en todo lo que existe, visible o no visible, material o inmaterial y forma parte del orden cósmico andino. Por ello, el principio de complementariedad se manifiesta en todos los niveles de la vida, en las dimensiones cósmicas, espirituales, sociales, entre otras (Salazar, 2016, p. 22).

C) Princípio da Correspondência: Este princípio está em todos os níveis e categorias do pensamento andino, quando se considera as relações entre o macro e o microcosmos, o humano e o cósmico, a realidade terrena e suas contrapartes cósmicas e intraterrestres, o orgânico e o inorgânico, etc. “La correspondencia e sobretodo simbólica e incluye los nexos relacionales celebrativos, rituales y afectivos” (Salazar, 2016, p. 22).

D) Princípio da reciprocidade: orienta as relações do ser humano com a natureza e o cosmos e é fundamental na vida comunitária e espiritual. Este princípio tem múltiplas expressões que simbolizam a reciprocidade com a natureza e o cosmos, como a gratidão pelas colheitas. Além disso, os rituais e cerimônias comemorativas de reciprocidade orienta a ação individual e coletiva, mantendo a consciência de dar e receber em todos os atos da vida.

“A reciprocidade baseia-se na ordem cósmica como um sistema harmonioso e equilibrado de relações, para que através dela se estabeleçam a justiça e a ética que regulam os relacionamentos existentes” (Salazar, 2016, p. 23).

Por esses princípios, evidencia as diferenças entre a visão de mundo indígena em suas relações com a Natureza e a concepção ocidental de desenvolvimento, que implica um tempo linear com estados anteriores e progresso posterior com a exploração da natureza. Nesse sentido, o conceito indígena de sustentabilidade não se assemelha ao paradigma alternativo de desenvolvimento ocidental de bem-estar. A visão de bem viver implica condições materiais e espirituais para construir e manter esse modo de vida equilibrada entre os vários elementos que condicionam as ações humanas (conhecimento, códigos éticos e espirituais na relação com o ambiente, valores, visão de futuro etc.).

Disso se compreende a colocação de Ailton Krenak (2020a), em A vida não é útil, quando critica o mito da sustentabilidade tão propagado pela civilização capitalista que pensa ser possível

conciliar progresso com destruição, desenvolvimento com predação do Planeta e acha que inventando o mito será suficiente para manter nossa existência. Temos visto pela exposição da cosmovisão indígena e da filosofia Ubuntu que esse modo ocidental de pensar precisa com urgência ser revisto, pois nessa pegada de consumismo, de distanciamento da natureza, de excentricidade de certos modos de pensar seremos arrastados para o caos por insensibilidade e irreflexão.

Outro dia fiz um comentário público de que a ideia de sustentabilidade era uma vaidade pessoal, e isso irritou muitas pessoas. Disseram que eu estava fazendo uma afirmação que desorganizava uma série de iniciativas que tinham como propósito educar as pessoas sobre o gasto excessivo de tudo. Eu concordo que precisamos nos educar sobre isso, mas não é inventando o mito da sustentabilidade que nós vamos avançar (Krenak, 2020a, p. 103).

Nesse sentido, se compreende quando Ailton Krenak descreve a relação que os Krenak têm com o Rio Doce e a serra que fica à margem desse Rio. Para os Krenak, o Rio Doce é Watu, seu avô. E, a serra alguém que é chamado de Takukrak. O que se destaca deste relato de Ailton Krenak (2020c), em Ideias para adiar o fim do mundo, é que ambos têm personalidade. O Rio Doce não é apenas um elemento da natureza e nem a serra algo que se encontra à disposição das mineradoras. Ambos são gentes que se deve respeitar, são os ancestrais do Povo Krenak. Não há nada de folclore ou despersonalização.

Quando nós falamos que o nosso rio é sagrado, as pessoas dizem: “Isso é algum folclore deles”; quando dizemos que a montanha está mostrando que vai chover e que esse dia vai ser um dia próspero, um dia bom, eles dizem: “Não, uma montanha não fala nada”. Quando despersonalizamos o rio, a montanha, quando tiramos deles os seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo dos humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista (Krenak, 2020c, p. 49).

Trazemos mais um relato da presença dos ancestrais no Bem Viver, desta vez do povo Baniwa, que habita São Gabriel da Cachoeira, contado por André Fernando Baniwa, que em seu livro Bem viver e viver bem segundo o povo Baniwa no noroeste amazônico brasileiro. André Baniwa descreve que o povo Baniwa, o mundo e a humanidade se originaram na cachoeira de Hipana, “que é umbigo do mundo, onde tudo começou e onde tudo irá terminar” (Baniwa, 2019, p. 15). Mais uma vez temos um ancestral que vem da natureza e cuja origem e continuidade se dão no encontro com a cachoeira. Sobre o bem viver André Baniwa, afirma que o bem viver, não é uma criação recente do homem, mas está na essência do ser humano desde a origem do mundo na cachoeira de Hipana.

Na língua Baniwa, “bem viver” é “matsia peemaka”, sendo que “bem” significa “matsia”; “viver” significa “peemaka” ou “peemekaa”. O que traduzido ficaria “bem-ficar”, “bem-conviver”, “bem-ter”, “bem-imagem”, “bem-humano”, “bem-exemplo”, “bem-trabalhador”, “bem-cultura”, dentre outros. Essas coisas, segundo a cultura Baniwa, só acontecem com conhecimento, arte e sabedoria, ianhekhetti em Baniwa, que são consequências de atos, ações e práticas do dia a dia realizadas nas comunidades ou onde um Baniwa estiver” (Baniwa, 2019, p. 33).

A sabedoria herdada dos ancestrais, seja na perspectiva andina, seja nos Krenak (2020b), seja nos Baniwa, se expressa no Bem Viver, que se baseia e se constitui nas experiências do coletivo e do individual, como a natureza, a política e a cultura, que estabelecem sentido e valores à nossa existência. Em outras palavras, o Bem Viver é um caminho que deve ser imaginado para ser construído, mas que já sabemos que esse caminho já é uma realidade, pois está manifestada na vida de povos originários. Sobre isso, afirma Adriana Salazar, em sua tese doutoral a respeito da filosofia do Bem-viver:

Bien sea sumak kawsay (Vida Plena), suma qamaña (Convivir Bien) o alli kawsay (Buen Vivir), los autores indígenas coinciden en identificar al saber ancestral como el sustento de un modo de vida caracterizado por un enfoque holístico, trascendente o espiritual, de convivencia con la naturaleza y en comunidad (Viteri, 2002; Macas, 2011). Así mismo, se define este modo de vida como un estado de armonía y equilibrio del ser humano con la comunidad, entendida como un todo en el que se expresan las dualidades complementarias que generan toda forma de existencia. Por ello, se trata de un paradigma comunitario en el que existe conciencia de la unidad y del equilibrio que ha de mantenerse entre las energías que confluyen en el aquí y el ahora del ser humano (Salazar, 2016, p. 138).

O bem viver mostra a natureza com respeito profundo à vida, e que o corpo da natureza é que dará corpo à vida. Sendo assim, o bem viver e a natureza estão entrelaçados. Dessa forma, a maioria dos seres humanos compartilham os valores e recursos de seu grupo que é o bem viver. Para Ailton Krenak (2020b), o Bem Viver não é distribuição de riqueza, mas é abundância que a Terra proporciona como expressão mesmo da vida. A gente não precisa ficar buscando uma vantagem em relação a nada, porque a vida é tão próspera suficiente para nós todos.

O Bem viver não está na realização imediata de uma ruptura como se bastasse apenas mudar certos hábitos. A luta indígena pelo Bem Viver faz parte de uma ampla aliança pela preservação da vida no planeta Terra. Para pensar em Bem Viver é necessário beber da fonte ancestral, mas isso não significa fazer uma leitura utópica do passado, e sim pensá-lo como tempo cíclico. Tempo e espaço são cíclicos no Bem viver. Não é um movimento linear como propõe o Ocidente. O tempo avança em espiral no espaço, vivido em equilíbrio, ouvindo e se relacionando com os ancestrais. O sol, a lua, as plantas, as montanhas, os mortos entre outros não são corpos inertes em oposição aos seres vivos. Na Terra, todos têm vida. É essa cosmovisão que difere da dicotomia da Filosofia ocidental que coloca os seres vivos e, particularmente, os humanos numa hierarquia. É esse

entendimento que leva ao desequilíbrio da Terra como se houvesse seres mais importantes que outros.

Desse modo, a filosofia Ubuntu, na experiência do povo bantu, a filosofia do Bem viver, na cosmovisão dos povos indígenas que habitam a Abya Yala, reconhece a relação entre todos os elementos que compõem um organismo que possibilita a vida. É possível estabelecer uma relação de convergência entre essas duas formas de conhecer, a partir do aqui foi exposto, nos modos de vida, seja do quilombo, seja em território indígena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, ao se fazer as aproximações entre princípios da Filosofia Ubuntu e os princípios da cosmovisão indígena sobre o Bem viver fica evidente que os princípios se apresentam como máximas que conflui entre os povos afroconfluentes em seus modos de viver. Por isso, que delimitamos nossa pesquisa a dois campos de pesquisa específicos para compreender melhor a presença do Ubuntu e Bem viver, respectivamente ao Quilombo do Matão (Paraíba) e ao Povo Indígena Kaxarari (Rondônia) e percebemos o quanto esses princípios estão presentes, resguardando a devida identidade, em outros quilombos e povos indígenas, por serem povos cosmológicos. Desse modo, não se quer dizer que sejam englobadas todas as diversidades em unicidade de perspectiva, mas que os princípios são “fiozinhos de água” que podem ser percebidos em sua confluência tanto no Quilombo quanto no Povo Indígena.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: para imaginar outros mundos. São Paulo: Editora Autonomia Literária: Editora Elefante, 2016.

BANIWA, André Fernando. **Bem viver e viver bem: segundo o povo Baniwa no noroeste amazônico brasileiro**. Curitiba: Ed UFPR, 2019.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **Colonização, quilombos modos e significados**. Brasília: INCT/UnB, 2015.

CASTIANO, Jose P. **Referenciais da filosofia africana**: em busca da intersubjectivação. Maputo, Moçambique: Sociedade Editorial Ndjira, 2010.

GODUKA, Yves. African/ indigenous philosophies: legitimizing spiritual centered wisdoms within the academy. **Indilinga African Journal of Indigenous Knowledge Systems**, Pietermaritzburg, South Africa, v. 6, n. 2, p. 63-83, 2000.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das letras, 2020a.

- KRENAK, Ailton. **Caminhos para a cultura do bem viver**. Rio de Janeiro, 2020b.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das letras, 2020c.
- LOPES, Nei. **Bantos, malês e identidade negra**. São Paulo: Autêntica, 2021.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento: modernidade, império e colonialidade. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 396-444.
- MALOMALO, Basilele. **Filosofia do ubuntu**: valores civilizatórios das ações afirmativas para o desenvolvimento. Curitiba: CRV, 2014.
- MUNANGA, Kabengele. Mestiçagem como símbolo da identidade brasileira. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. ISBN: 9788524915796
- NASCIMENTO, Abdias. **Quilombismo**. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. ISBN: 9788524915796
- RAMOSE, Mogobe. Sobre a legitimidade e o estudo da filosofia africana. **Revista Ensaios Filosóficos**, Rio de Janeiro, RJ, v. 4, p. 6-25, 2011.
- SALAZAR, Adriana Rodriguez. **Teoría y práctica del buen vivir**: orígenes, debates conceptuales y conflictos sociales. El caso de Ecuador. 2016. 422 f. Tesis (Doctoral) - Universidad del País Vasco, España, 2016. Disponível em: <https://addi.ehu.es/handle/10810/19017?show=full>. Acesso em: 5 jul. 2023.
- SIMBAÑA, Floresmilo. El Sumak Kawsay como proyecto político. **La Linea de Fuego**: Revista Digital, Quito, Ecuador, 2011. Disponível em: <https://lalineadefuego.info/el-sumak-kawsay-como-proyecto-politico/>. Acesso em: 5 jul. 2023.
- TAMOSAUSKAS, Thiago. **Filosofia africana**: pensadores africanos de todos os tempos. [S. l. s. n.], 2020. (Filosofia de todas as cores). *E-book kindle*. ASIN: B087QPN37Z
- TUAN, Yi Fu. **The good life**. Madison, WV: The University of Wisconsin Press, 1986.

Recebido em: setembro de 2024

Aceito em: janeiro de 2025